

## Editorial

A ARTE DE  
ENGANAR

Ouvidos por **O TEMPO**, líderes empresariais afirmam que 2015 será difícil, ruim mesmo, contrariando as promessas, sobretudo as da presidente candidata. O governo investe num país de faz de conta, desenhando – veja-se a propaganda eleitoral – um Brasil feito só de coisas boas.

A oposição também não tira partido do que não foi feito, ou foi malfeito, porque tem, em grande parte, responsabilidade no malfeito. A colunista Miriam Leitão, em seu artigo de ontem, fala dos “erros sem conta” cometidos pelo governo no setor energético, pouco discutidos.

Da parte do governo, havia uma razão: as eleições. Há muito tempo a sociedade deveria estar sendo convocada a reduzir o consumo de energia, a fim de que sua conta não recaísse, mais tarde, sobre suas próprias costas, como vai acontecer – podem esperar – em 2015.

A culpa de todos os desastros cometidos no setor elétrico foi posta na falta de chuvas. De fato, o país enfrenta uma longa estiagem que incide sobre a operação do setor. Aí também os outros governos mostraram sua imprevidência. Só agora uma crise começa a ser admitida.

Habitantes de várias regiões do país não estão tendo água para as atividades produtivas e domésticas. A situação é dramática até em Minas Gerais, Estado considerado a caixa-d'água do Brasil. O rio São Francisco está secando a olhos vistos, cada dia com menos água.

Se a situação é crítica ao lado de um dos maiores rios brasileiros, conforme demonstra a série de reportagens de Queila Ariadne em **O TEMPO**, imaginem em outras regiões, com rios de menor porte. Alguns estão secos, e outros não têm água suficiente para o abastecimento.

Cidades mineiras com sistemas próprios de distribuição já estão racionando o líquido. Agora, a própria Copasa admite a necessidade. Para que pudesse fazê-lo, teve de pedir autorização ao TRE. Motivo: as eleições. A água já falta em vários bairros de Belo Horizonte.

A política é a arte de promover o bem comum. No Brasil, virou a arte de enganar.

## SEMPRE EDITORA LTDA

**FUNDADOR** Vittorio Medioli  
**PRESIDENTE** Laura Medioli  
**VICE-PRESIDENTE** Luiz Alberto de Castro Tito  
**DIRETOR EXECUTIVO** Heron Guimarães  
**DIRETOR FINANCEIRO** Marcos de Oliveira e Souza

**GERENTE COMERCIAL**  
Fabiano Guerra

**GERENTE DE TECNOLOGIA**  
Fábio A. Santos

**GERENTE INDUSTRIAL**  
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO**  
Walmir Prado

**GERENTE DE MARKETING**  
Alessandra Soares

**GERENTE DE CIRCULAÇÃO**  
Isabel Santos

**EDITORA EXECUTIVA**  
Lúcia Castro

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO**  
Michele Borges da Costa

**ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO**  
Murilo Rocha

**CHEFE DE REPORTAGEM**  
Renata Nunes

**EDITORES**

Opinião: Victor de Almeida  
Economia: Karlon Aredes  
Política: Carla Kreeft  
Magazine: Silvana Mascagna  
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla  
Esportes: Denner Taylor  
Cidades: Marina Schettini  
Primeira: Frederico Duboc  
Fotografia: Rejane Araújo

## O.PINIÃO

Duke

MÃE, TEM UM HOMEM  
DESCONHECIDO DEITADO  
LÁ NO SEU QUARTO!!!

É O SEU PAI DEPOIS DE  
TER VIRADO CANDIDATO,  
FILHO. QUANDO ACABAREM  
AS ELEIÇÕES, ELE VOLTA A  
SER O QUE ERA!



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Releitura de “As mulheres  
abortam porque precisam”

O que a República tem a dizer sobre tão inominável tragédia?

Em 25 de setembro de 2002, publiquei em **O TEMPO** “As mulheres abortam porque precisam”, no qual digo que 28 de setembro é Dia de Luta pela Descriminalização do Aborto na América Latina e no Caribe e conto a história de Marcela, à época com 19 anos, que em 19.4.2001 enviou-me o seguinte e-mail: “Oi, Fátima, estou mandando este e-mail porque li uma página da internet sobre aborto onde constava seu nome e e-mail. Estou desesperada. Estou grávida e preciso fazer um aborto. Se você é a favor do aborto e pode me ajudar de alguma forma, escreva-me o mais rápido possível. Desde já agradeço”.

A partir de então, trocamos várias ideias. No 20 de abril, outro apelo: “Obrigada por me responder. Preciso fazer. Não tenho condições, nem eu, nem meu namorado, de criar uma criança; além do mais, meu pai bebe e é muito ignorante. Sou filha única, e ele já disse que, se eu ficar grávida, sai de casa. Minha mãe está desempregada e também é muito rígida. Aqui em casa, sexo é assunto proibido... Moro em Sabará. Me ajude por favor”.

Antes que eu respondesse, chegou um e-mail intitulado “Sem tempo”. Eilo: “A sra. é a minha última esperança. Passei a madrugada de ontem e de hoje procurando artigos na internet sobre aborto. Preciso arrumar um meio e preferia que fosse remédio porque não tenho condições de pagar clínicas e não confio em chás (tenho medo de que algo me aconteça ingerindo plantas que desconheço)”.

Escrevi: “Você está vivendo um drama milenar que cotidianamente se abate sobre milhões de mulheres, que é a

gravidez indesejada. É imoral obrigar uma mulher a ter um(a) filho(a) quando ela não pode ou não deseja. Defendo a legalização do aborto, o que permite que as mulheres não sejam obrigadas a levar adiante uma gravidez quando elas não querem ou não podem.

O artigo 128 do Código Penal de 1940 diz que não é crime o aborto quando a gravidez resulta de estupro e para salvar a vida da gestante. Fora das situações mencionadas, o aborto no Brasil é ilegal e é crime apenas para as mulheres pobres. Em toda cidade brasileira de médio

**Infecções, sequelas e até a morte tornam o aborto um problema de saúde pública e uma injustiça social, já que as vítimas são pobres**

porte, a mulher que possui US\$ 1.000 aborta em clínicas que realizam o aborto com risco de saúde e de vida zero. Há um caráter de classe na criminalização do aborto, pois só penaliza as pobres, já que sem dinheiro elas recorrem aos piores lugares, colocando em risco a saúde e até a vida.

As interdições ao aborto não impedem a sua realização, apenas tornam-no clandestino e inseguro. Os fundamentalismos de caráter religioso, patriarcal ou machista, reconhecem que suas proibições revelaram-se, historicamente, impotentes para impedir a decisão de abortar – em todos os tempos e em todas as sociedades estudadas, o aborto é uma constan-

te –, então, fazem o que lhes resta: são contra mesmo é que haja leitos hospitalares públicos para o aborto seguro!

A ilegalidade do aborto empurra as mulheres para a clandestinidade, em que abortam em condições precárias, em geral desumanas, tendo como consequências as infecções, sequelas e até a morte. Tais complicações tornam o aborto um grave problema de saúde pública, uma flagrante injustiça social, já que as vítimas de tão inominável tragédia são as pobres, que morrem precocemente por causas evitáveis!”.

No dia 23 de abril: “Adivinha só, minha menstruação desceu... Eu não estou grávida, mas de qualquer forma obrigada por me ajudar, por se corresponder comigo”. Ela sobreviveu.

Mas nem todas as mulheres que optam por um aborto entre o pecado e o crime sobrevivem, e o que dizes, República?

DUKE

